

A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE SOCIAL NA PERSPECTIVA BAKHTINIANA DA LINGUAGEM

*Cássia Eugênia Cardoso**
*Avanete Pereira Sousa***

RESUMO:

O presente estudo buscará compreender a formação da identidade social pautado em teorias Bakhtinianas da linguagem, bem como em autores que abordam a questão ainda que em meio a outras temáticas. O estudo é iniciado com a apresentação do percurso histórico de Bakhtin. Posteriormente, busca-se estabelecer a inter-relação entre identidades sociais e a teoria bakhtiniana da linguagem entendendo-a tanto como prática cognitiva quanto social, abrindo-se para a compreensão e explicação de variáveis que possibilitam um diálogo abrangente entre as diferenças. Em seguida, a análise recai sobre o conceito de identidade, a partir de outros autores, e o seu processo de construção e reconstrução relacionado aos conceitos bakhtinianos, sendo este o resultado da pesquisa; por último é tecida considerações finais acerca de todo escrito. Na realização deste trabalho foram utilizados autores que estudaram a temática, dos quais podemos citar, além de Bakhtin, a Doutora em Letras Maria Teresinha Py Elichirigoity; o Doutor em Psicologia Social Antônio da Costa Ciampa e o Doutor em Educação Tomaz Tadeu da Silva, configurando assim um trabalho pautado em uma metodologia de cunho bibliográfico. Os estudiosos citados apontam que o processo de construção e reconstrução de identidades é possível pela participação dos indivíduos nos grupos, bem como, pela forma que os mesmos agem e se relaciona em seu cerne.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem, Identidade social, Alteridade.

* Mestranda em Letras: Cultura, Educação e Linguagem pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

** Doutora em História Econômica pela Universidade de São Paulo. Professora titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Docente do Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens.

Introdução

As questões acerca das identidades sociais vêm sendo cada vez mais investigadas por diversos pesquisadores das mais variadas áreas de estudo¹, os quais são concordes em afirmar que as identidades sociais se constroem e reconstroem no contato com o outro, em meio à diferença e por intermédio da linguagem.

A identidade passa a ser entendida como uma entidade em que o indivíduo se autorreconhece e se institui, necessitando da diferença para que seja constituída. A primeira é tomada como referência para a definição da segunda, isto porque a identidade inicialmente “reflete a tendência de tomar aquilo que somos como sendo a norma pela qual descrevemos e avaliamos aquilo que não somos” (SILVA, 2000, p. 1).

Ao identificar a diferença como fator preponderante na constituição do outro, Bakhtin deixa entrever que na própria energia existencial encontram-se forças díspares, contrárias que contribuem para a sua produção, sendo identificadas dos seguintes modos: forças centrífugas, aquelas que compelem ao movimento, à mudança, à vida nova, e as forças centrípetas, que resistem ao devir e abominam a história. Ambas coexistem por meio da elocução, ou seja, da linguagem (ELICHIRIGOITY, 2008).

Nesta perspectiva, o presente estudo buscará compreender a formação da identidade social pautado em teorias Bakhtinianas da linguagem, bem como em autores que abordam a questão, ainda que em meio a autores temáticos e demais estudiosos que se interessaram pela temática. O estudo é iniciado com a apresentação do percurso histórico de Bakhtin. Posteriormente, busca-se estabelecer a inter-relação entre identidades sociais e a teoria bakhtiniana. Em seguida, a análise recai sobre o conceito de identidade, a partir de

¹ Autores que se interessaram pela temática das identidades sociais: ELICHIRIGOITY, M. T. P. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, no 34, p. 181-206, 2008. Doutora em Letras; CIAMPA, A. C. Identidade. In: Psicologia Social: O homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 1984. Doutor em Psicologia Social; SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença In: HALL, S. WOODWARD, K. Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. Doutor em Educação.

outros autores, e o seu processo de construção e reconstrução relacionado aos conceitos bakhtinianos.

1.1 Bakhtin e seu percurso histórico

De origem soviética, Mikhail Bakhtin nasceu em Oriol, em 1895, filho de família nobre em decadência. Estudou na Universidade de Odessa, posteriormente em São Petersburgo, onde se formou em História e Filologia em 1918. Ocupou muitos cargos de ensino, pertenceu a um pequeno círculo de intelectuais e artistas denominado Círculo de Bakhtin, grupo formado pelo filósofo, seus alunos e amigos criadores de ideias inovadoras e criativas, em especial, nos domínios da arte e das ciências.

Bakhtin foi visto, à primeira vista, como um teórico e historiador da literatura. No entanto, foi um pensador cujos escritos abarcaram várias áreas do conhecimento. No estudo da literatura, buscou entendê-la como um processo construtivo que envolve encontro e interação entre matéria, forma e conteúdo, este último visto pelo autor como a escolha que um indivíduo realiza entre subsídios impessoais e genéricos da linguagem (BAKHTIN, 1997).

Criticava os formalistas russos (linguistas e escritores) da sua época que valorizavam na arte literária o materialismo, que reduzia os problemas da criação poética a questões de linguagem. Opunha-se a Ferdinand de Saussure e seus discípulos (objetivismo abstrato) cujos pressupostos indicavam a língua enquanto sistema estável, imutável, de formas linguísticas submetidas a um sistema fechado, entre outras. Era ainda contrário ao subjetivismo idealista de Wilhelm Von Humboldt e suas vertentes, ao psicologismo funcionalista que tomava o aspecto biológico em detrimento do social e, nessa crítica, aos fundamentos de Kant e à fenomenologia, para as quais entenderia haver categorias de apropriação do mundo independentes da vida concreta a que os sujeitos se submeteriam, sendo esta extrassocial e extra-histórica (SOBRAL, 2009).

Foi um filósofo, pensador que formulou teorias importantes para os estudos da produção do sentido dos enunciados na enunciação, bem como, da identidade do sujeito

a partir de sua consciência social. Afirmou ser necessário perceber a identidade de uma coisa não como algo isolado de todas as outras, mas constituída a partir de modos particulares de relações sociais, entre indivíduos, cultura e sistema econômico (ELICHIRI-GOITY, 2008).

Nesta perspectiva, o que diferencia Bakhtin de alguns estudiosos que se enveredaram pelo estudo da linguagem foi o fato dele entendê-la tanto como prática cognitiva quanto social, abrindo-se para a compreensão e explicação de variáveis que possibilitam um diálogo abrangente entre as diferenças.

As relações dialógicas permitem que as diversas vozes do contexto social se manifestem e interajam, fazendo com que as necessidades sociais sejam conciliadas com os anseios de adaptar-se às novas condições societárias, ou, em outro exemplo, considerar que uma produção textual pode tomar um sentido diferente em um contexto diverso. Nesta perspectiva, as forças díspares passam a coexistir pela elocução, seja escrita ou falada, com a necessidade de expressar um ponto de vista que é construído processualmente dentro de um contexto social, portanto, ideológico.

Assim, o grau de consciência produzido pela atividade mental é marcado diretamente por seu grau de orientação social, tendo em vista que o discurso interior referenciado por Bakhtin não funciona como signo sem expressão externa, pois este esclarece a orientação tomada pelo discurso interior e as interpretações que ele contém. Logo, no processo de “interiorização, a palavra constitui o único meio de contato interior do sujeito (a consciência), constituído por palavras e o mundo exterior construído por palavras” (BRAIT, 2007, p. 179). A fonte do significado da linguagem encontra-se no social; nossas palavras neste continuo vêm entrelaçadas de interlinguagens e pelos vários dialetos sociais, cujo somatório destas variáveis culmina produção da linguagem de nosso sistema cultural.

1.2 Bakhtin e as identidades sociais

O interesse de Bakhtin pelas identidades sociais resultou das mudanças ocorridas na sociedade contemporânea, em seus diversos setores, dentre eles: na ciência, nos padrões éticos/morais, na política e no sistema econômico e demais, que refletiram nas formas interativas de sociabilidade entre os mais variados grupos sociais. O grande contingente de informações disponibilizou variadas formas de perceber e viver a experiência humana, ao mesmo tempo que promove a reflexão e uma redefinição das relações e identidades sociais construídas em um tempo, espaço e contexto específico de atuação.

Pela visão Bakhtiniana o homem é um conjunto de relações sociais definidas pelo entrelaçamento do sujeito e do objeto, sintetizadas dialeticamente na cultura e na história. Pautado nesta concepção de linguagem, Bakhtin constrói sua teoria dialógica, entendida enquanto elemento que instaura a natureza interdiscursiva da linguagem, promovendo um diálogo permanente entre os diversos discursos que configuram uma sociedade, uma cultura e uma comunidade, e como fator representativo das relações discursivas estabelecidas entre o eu e o outro, aquele com quem o sujeito interage diretamente no processo de interlocução, em contextos historicamente situados (FREITAS apud PINHEIRO, 1997).

É, portanto, nas relações sociais que construímos saberes e internalizamos o discurso do outro que é marcado não só pelo dialogismo, como também pela polifonia, onde o discurso mesmo proferido por um sujeito é perpassado por outras vozes e visões de mundo, produzindo assim seu significado (SOERENSEN, 2009).

Segundo Soerensen, no processo de construção da linguagem estão presentes três princípios:

- a) Diálogo com o outro: relaciona-se à ideia e sujeito social, histórica e ideologicamente situado, que se constitui na interação com o outro.
- b) A unidade das diferenças: noção de que a linguagem é heterogênea e, por isso, marcada pela presença do outro. Nesse caso, esta heterogeneidade é marcada de forma sutil pelo locutor, que fará com que o texto adquira uma determinada unidade, seja pela

harmonia das vozes (polifonia) ou pelo apagamento das vozes discordantes (monofonia). c) Discursividade – simples e complexa: essa terceira questão refere-se aos gêneros do discurso e é consequência das duas primeiras, pois sua definição pressupõe também uma concepção de linguagem assentada no princípio da interação social (2009, p. 5).

Ao passo que estamos internalizando constantemente os enunciados dos outros, por meio da enunciação, “compreendida como replica do diálogo social, unidade de base da língua, discurso interior ou exterior” (BAKHTIN, 1981, p. 17), a linguagem passa a apresenta-se com caráter heteroglóssico onde é encontrada uma multiplicidade de pontos de vista, vozes que não conhecem privilégios ou hierarquias.

Nenhuma fala pode ser de atribuição exclusiva de quem a enunciou, esta é produto da interação dos falantes, imersa em uma situação social específica. O outro não é um destinatário pacífico que se sintetiza apenas em compreender o locutor, este é responsivo e se materializa por respostas externas ou internas, pautadas em seus critérios éticos, cognitivos, religiosos, políticos dentre outros.

A linguagem ao ser concebida enquanto de natureza dialógica revela sua complexa relação entre história e embates ideológicos na constituição do ser humano. Segundo Ponzio:

A ideologia é um sistema de concepções que está determinado pelos interesses de um determinado grupo social, de uma classe, e que, baseado em um sistema de valores condiciona atitudes e comportamentos tanto dos sujeitos do grupo em questão como dos outros grupos sociais, quando se converte em ideologia dominante (2009, p. 4)

A ideologia é marcada por contradições e reflete uma construção do conhecimento da vida social concebidas como de natureza socioconstrutivista que prevalece nos discursos e nas identidades sociais, como aponta Moita Lopes (2002). Ao produzir uma sociologia do discurso, Bakhtin volta sua atenção para o discurso verbal que nunca se produz fora de um fluxo de interação social. Os enunciados são pronunciados, buscando na

história, na vida, na cultura, no contexto e nos saberes partilhados entre os participantes, suas construções identitárias. As construções identitárias são situadas sócio-historicamente, nascem das relações dos sujeitos e de sentidos e seus efeitos múltiplos que se efetivam nos encontros estabelecidos em contextos únicos, de situações precisas influenciadoras de práticas discursivas que estão em constantemente transformação.

Nesta perspectiva, entende-se que “a identidade do sujeito se processa por meio da linguagem, na relação com a alteridade” (BRAIT, 2006, p. 123), esta última, mediante a interação dialógica, assume importância central na formação da consciência. Neste processo entende-se o diálogo como um lugar de conflito entre ideologias, visões de mundo e conhecimentos, este diálogo mediado pelo conflito passa a ser percebido discursivamente como uma forma de reflexão dos atores sociais sobre suas próprias ações. E o discurso é o meio pelo qual o sujeito interage com o outro, avalia a si mesmo e avalia os demais, precipita a pensar de que maneira o outro pensa dele, provocando um processo ininterrupto de construção e reconstrução de identidades.

1.3 A Identidade: processo de construção e reconstrução — Bakhtin e outras interpretações

O homem no decorrer de sua existência procura estar no mundo de maneira segura, ao mesmo tempo em que busca se adaptar às suas contínuas transformações societárias. Isto se torna possível pelo fato de que o homem constrói sua experiência a partir de referências do mundo simbólico — ambiente físico e social — e de si mesmo — crenças, conceitos e ideias (FERREIRA, 2004). Este mecanismo leva o indivíduo a se reconhecer, a reconhecer o outro e a preparar suas ações contextualizadas ao tempo/espaço em que vivem, prezando pela sua segurança em âmbito coletivo e individual.

Este sujeito, bem como seus comportamentos, institui-se e se desenvolve em grupos, nas relações interpessoais estabelecidas entre si e com o meio onde vive. Essa troca leva a produzir discursos e práticas diferenciadas em seu mundo social, favorecendo assim a construção de sua identidade cultural.

Ferreira (2004, p. 47) “considera a identidade como uma referência em torno da qual o indivíduo se autorreconhece e se constitui, estando em constante transformação e construída a partir de sua relação com o outro”.

Neste contexto, a sociedade, com suas leis, crenças e normas, influencia o sujeito mediante suas regras já prepostas e este, por sua vez, realiza a significação dos signos acima citados, através da atividade mental e reflete seus significados em diversos meios, em um movimento dinâmico e contínuo. E assim o social e o simbólico atuam como mecanismos diferenciados responsáveis pela construção e manutenção identitária, mas operam de forma interdependente na composição deste processo.

A linguagem, neste meio, revela-se como um sistema de importante comunicação ideológica da vida cotidiana, expressa por diversos signos. Estes signos, enquanto objetos ideológicos, refletem e refratam uma realidade material e social, representados pela palavra, pelos comportamentos, pela composição musical, pelo ritual religioso entre outros. No entanto, enquanto signo, a palavra encontra-se presente na conversação e em várias formas discursivas produzidas. Seja na fala, na escrita ou em outras formas de materialização, ela torna-se o material de apoio para a compreensão e interpretação das várias formas de linguagem, estabelecendo-se como importante objeto de análise na construção da identidade cultural (BAKHTIN, 2006).

A palavra falada, enquanto uma forma de linguagem enunciada, se estabelece como instrumento de análise, da qual emana registros norteadores da história e da vida social. Em muitas sociedades, a palavra oral foi de vital importância para a propagação de sua biografia, contribuindo para a proteção dos grupos que viviam isolados e para a manutenção de alguns ritos e tradições ancestrais (ZUMTHOR, 1993). Logo, a história cultural passa a ser construída e apropriada pelos indivíduos através da oralidade e das demais formas de linguagem que um coletivo pode produzir.

A análise histórica da cultura possibilita ao pesquisador identificar o modo como, em diversos lugares e momentos, uma dada realidade é pensada e construída, assim como perceber que a linguagem social é detentora de poder, permitindo ainda que ele reflita so-

bre as formas como essa linguagem é imposta a um grupo e como este grupo pode estabelecer relações de resistência para se opor a tal domínio.

Ao representar uma sociedade busca-se compreender o ordenamento e as operações intelectuais que ela institui, através da classificação e nomeação do contexto apresentado, das práticas que permitem reconhecer uma identidade social, observada pelo modo de estar e significar o mundo e sua posição dentro dele. A representação considera também as formas padronizadas e objetivas de comportamento e o modo como pessoas representativas, coletivas ou singulares, definem a existência de um grupo, classe ou comunidade (CHARTIER, 2002).

Esta linguagem representativa influencia a história cultural de um povo e pode ser entendida a partir das classificações e exclusões produtoras de configurações sociais e conceituais próprias de um tempo e de um espaço. Essas categorizações são historicamente produzidas por práticas sociais, políticas e discursivas, produtoras de signos. Neste contexto, identidade, enquanto concepção política, pressupõe entender os equívocos históricos e atuais que envolvem o conceito, mediante as ações e comportamentos sociais que estão sendo estabelecidos através dela (FERNANDES, 2006).

Não há como negar que a temática das identidades sociais está ligada ao entendimento da linguagem como discurso, tendo em vista que ao utilizar a língua, expõem-se valores e crenças que refletem a visão de um grupo social a que pertence, sendo originária do encontro entre sujeitos. Os significados são construídos pela ação do homem no mundo e no partilhar de outras vozes de onde surgem os signos sociais, sendo estes fatores constituintes da sua identidade e consciência social.

A teoria Bakhtiniana, compreende que a consciência individual do sujeito constrói-se por meio do diálogo social, esta se encontra impregnada de discurso ideológico. As modificações ocorridas na infraestrutura — realidade socioeconômica — transformam as superestruturas e suas ideologias. Estas, por seu turno, alteram as identidades sociais.

Visão corroborada pelos estudos apresentados, que percebem a identidade como em constante reconstrução modificada e construída com o outro e pelas variações ocorridas em âmbito social.

Bakhtin situa a linguagem como o elo interlocutor entre a infraestrutura e a superestrutura. Ela está imersa na psicologia do corpo social que, segundo o autor é:

O meio ambiente inicial dos atos de fala de toda a espécie, e é neste elemento que se acham submersas todas as formas e aspectos da criação ideológica ininterrupta: as conversas de corredor, as trocas de opinião, no teatro e no concerto, nas diferentes reuniões sociais, nas trocas puramente fortuitas, o modo de reação verbal face as realidades da vida e aos acontecimentos do dia a dia, o discurso interior e a consciência autorreferente, a regulamentação social, etc. (BAKHTIN, 2006, p 41).

A psicologia do corpo social se manifesta nas diversas formas de enunciação, seja interior ou exterior, e a linguagem, um de seus fatores constituintes, está ligada diretamente às condições de situações sociais e reagem de forma sensível às flutuações da esfera social.

Esse ambiente, onde estavam expostos inicialmente os atos de fala, denominado por Bakhtin como psicologia do corpo social, era estudado por dois pontos de vista. No primeiro focavam-se os conteúdos; os temas eram atualizados em momento específico e pelos tipos e formas de discursos, sendo o meio pelo qual eles são materializados, comentados, pensados, experimentados. No entanto, por muito tempo os estudos eram direcionados ao primeiro, sendo suprimidas as pesquisas das formas materiais, expressas na psicologia do corpo social. Posteriormente, pesquisadores do campo da linguagem, da psicologia e demais ciências se atentaram ao estudo das formas materiais da comunicação no contexto da vida diária e por meio dos signos (BAKHTIN, 2006).

Todo signo é resultado do consenso de indivíduos organizados socialmente no transcorrer de um processo interativo. As formas de cada signo são condicionadas tanto pela organização social de cada grupo quanto pelas condições que a interação acontece.

Porém, a modificação em uma dessas formas configura uma modificação no signo e este modificado provoca transformações na identidade do ser.

Nesta linha de raciocínio não há como separar a ideologia da realidade material signica colocando-a apenas na esfera abstrata. Também não se pode pensar na desvinculação do signo das formas concretas de comunicação e estas últimas não serão dissociadas da infraestrutura, representada pelas bases materiais e econômicas.

A identidade na visão Bakhtiniana e dos outros autores resulta de atos de linguagem produzidos nas relações socioculturais, dos diversos grupos ao qual o indivíduo se insere ou faz parte. As identidades sociais, neste contexto, não podem ser entendidas fora dos sistemas de configuração compostos por parâmetros discursivos e simbólicos, pois são eles que lhes conferem sentido. A linguagem passa a ser entendida como estrutura instável de significações, um sistema formado por diferenças.

Considerações finais

Neste pequeno exercício de síntese e interpretação pode-se observar que a perspectiva bakhtiniana acerca da identidade está pautada em uma visão constituída de transformações sociais e históricas, onde a significação ganhará sentido por meio do contexto que está sempre se modificando em um processo contínuo de contradições.

No que concerne ao indivíduo, no decorrer de sua existência ele transita por diversas comunidades, sejam elas: a casa, a escola, o trabalho, amigos, internet que mudam na trajetória de sua existência. A maneira como cada ser participa destas comunidades ou grupos, representa experiências de troca, de aprendizagem que irá constituindo sua identidade.

Este processo de construção e reconstrução de identidades é possibilitado pela participação dos indivíduos nos grupos, bem como pela forma que os mesmos agem e se relacionam em seu cerne. Estes fatores determinam a sua trajetória, a maneira de se apresentar e estar em meio social e ainda faz da identidade uma entidade que se movimenta, com o objetivo de tornar-se ou vir a ser diferente.

Enquanto uma estrutura não fixa, identidade, não se mantém estática no tempo e no espaço, ela se associa ao contexto ao qual está inserida, sendo transformada por esta realidade. Ao mesmo tempo em que provoca modificações, ela permite ao indivíduo se encontrar em dado sistema econômico (CIAMPA, 1984).

Por ser formada historicamente, a identidade, incorpora o passado e o futuro no processo de negociação com o presente, selecionando o que contribui e o que passa a ser marginal na sua constituição. Cada comunidade ou grupo tornam-se campos onde o indivíduo pode interagir e experimentar, afetar e ser afetado, constituir signos e se reconhecer no objeto é ser nele reconhecido dialogicamente.

O indivíduo se constitui em meio social, elabora suas significações a partir da referência de um mundo que já lhe é dado ao nascer e de outro adquirido de forma individual por meio das vivências particulares de cada sujeito, do seu contexto e da forma através da qual se apropria do mundo dando-lhe seu significado e sentido identitário.

Contudo, no jogo estrutural dos sentidos, é importante que se mantenha uma interpretação ativa que possibilite a criação constante de novas formas de agir. Bakhtin, a partir de sua visão de linguagem, entende que o indivíduo deve reconstruir sua história por meio da interação estabelecida com os outros frente a uma realidade específica, atribuindo assim novos sentidos ao modo de interpretar a realidade, sem mais pensar em identidades estanques, mas fluídas e múltiplas.

THE FORMATION OF SOCIAL IDENTITY IN BAKHTIN'S PERSPECTIVE OF LANGUAGE

ABSTRACT:

This paper will search to understand the formation of social identity guided by Bakhtin theories of language as well as authors who approach the issue, even among other topics. The study starts with the presentation of the Bakhtin historical trajectory. Subsequently, it searches to establish the interrelationship between social identities and Bakhtin theory of language, understanding it as both cognitive and social practices, opening it to understanding and explanation of variables that enable a large dialogue between the differences. Then, the analysis rests on the concept of identity, from other authors, and the process of construction and reconstruction related to Bakhtin concepts, which is the result of the research; finally is woven considerations about the whole writing. In this paper were used authors who have studied the issue, of which is mentioned in addition to Bakhtin, the PhD in Letters Maria Teresinha PyElichirigoity, the PhD in Social Psychology Antônio da Cos-

ta Ciampa and the PhD in Education Tomaz Tadeu da Silva, configuring a work guided by a bibliographic methodology. The researchers that were mentioned indicate that the process of construction and reconstruction of identities is possible by the participation of individuals in groups, and, by the way that they act and relate to their core.

KEYWORDS: Language, Social identity, Alterity.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 2ª ed., Trad. M. E. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem*. 12. ed. Trad. M. Lahud e Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006.

BRAIT, B. Bakhtin: *Conceitos-chave*. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. Bakhtin: *Conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

CIAMPA, A. C. Identidade. In: *Psicologia Social: O homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CHARTIER, R. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Trad. M. M. Galhardo. 2.ed. Algés: Difel, 2002.

ELICHIRIGOITY, M. T. P. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: *Literatura, língua e identidade*, no 34, p. 181-206, 2008.

FERNANDES, I. *O lugar da identidade e das diferenças nas relações sociais*. Revista Virtual Textos & Contextos. Nº 6, ano V, dez. 2006.

FERREIRA, R. F. *Afro-descendente: identidade em construção*. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

MOITA LOPES, L. P. *Identidades Fragmentadas: a construção discursiva da raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas, SP: Mercado de Letras. 2002.

PINHEIRO, P. A. *Bakhtin e as identidades sociais: uma possível construção de conceitos*. 1997. Disponível em <<http://www.filologia.org.br/revista/40/bakhtin%20e%20as%20identidades%20sociais.pdf>>. Acesso em: 22 junho. 2012.

PONZIO, A. *A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. 1ª ed. Coord. Trad. V. Miotelo. São Paulo: contexto 2009.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença In: HALL, S. WOODWARD, K. *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais* Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SOBRAL, A. O conceito de ato ético de bakhtin e a responsabilidade moral do sujeito – *BIOETHIKOS* - *Centro Universitário São Camilo*. São Paulo. 3(1):121-126, 2009. Disponível em:< <http://www.saocamilo-sp.br/pdf/bioethikos/68/121a126.pdf>>. Acesso em: 21 junho 2012.

SOERENSEN, C. *A Profusão Temática em Mikbail Bakhtin*: Dialogismo, Polifonia e Carnava-
lização. Travessias, Paraná, v. 03, n. 01, 2009.

ZUMTHOR, P. *A letra e a voz: a “literatura” medieval*. Trad. A. Pinheiro e J. P. Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

*Recebido em 19/08/2012.
Aprovado em 17/01/2013.*